

FRANCISCO MIRANDA DE ANDRADE

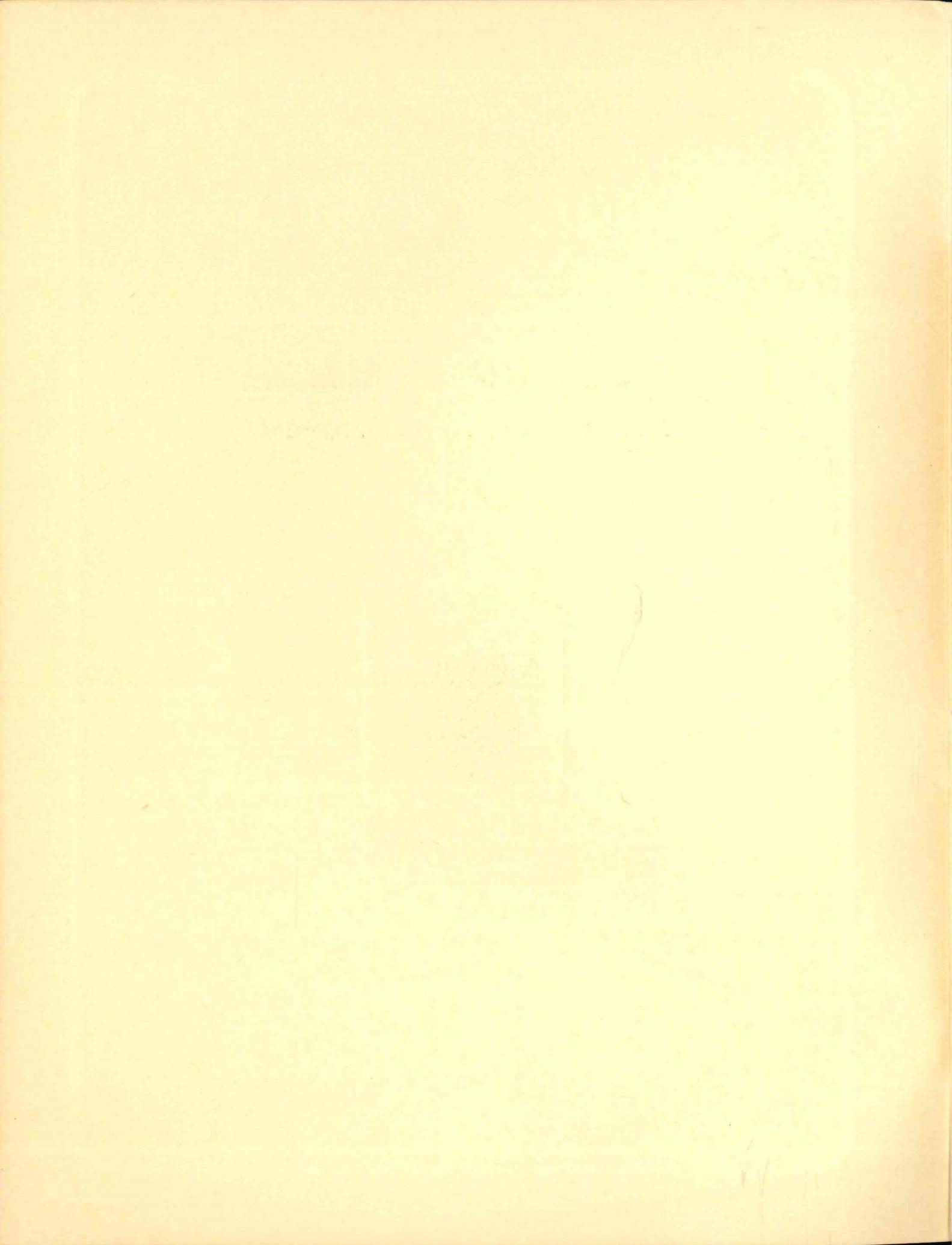
O Poeta e Conde de Matosinhos,  
Francisco de Sá de Meneses



---

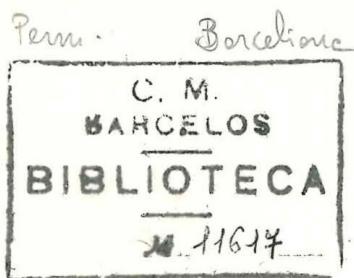
SEPARATA DO BOLETIM DA BIBL. PÚBL. MUNICIPAL DE MATOSINHOS, N.º 25, 1981





FRANCISCO MIRANDA DE ANDRADE

O Poeta e Conde de Matosinhos,  
Francisco de Sá de Meneses



SEPARATA DO BOLETIM DA BIBL. PÚBL. MUNICIPAL DE MATOSINHOS, N.º 25, 1981



# O Poeta e Conde de Matosinhos

## Francisco de Sá de Meneses

*Por FRANCISCO MIRANDA DE ANDRADE*

De uma grande e nobre família nortenha, D. Francisco de Sá de Meneses, natural do Porto, foi figura de relevo na sociedade portuguesa do seu tempo, tendo desempenhado alguns dos mais importantes cargos nas cortes de D. João III, Dona Catarina, D. Sebastião e Cardeal-Rei D. Henrique. Desde camareiro-mor e aio do príncipe D. João, filho de D. João III, até governador do Reino por morte de D. Henrique, múltiplas e graves foram as funções e missões oficiais de que foi incumbido ao longo da sua vida até vir repousar, nos últimos anos de existência, no seu condado de Matosinhos, junto das margens do rio Leça, que liricamente cantou. É que não foi só áulico e homem de Estado D. Francisco de Sá de Meneses: foi também um cultor das Letras, tendo-se distinguido no grupo de poetas que pertenceram à escola mirandina do século XVI — a escola que, sob o magistério e orientação de Sá de Miranda, introduziu a arte literária do Renascimento em Portugal: António Ferreira, Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, D. Manuel de Portugal.

Mas convirá desde já esclarecer que outro poeta, do mesmo nome, existiu nas nossas Letras e tantas vezes tem sido confundido com aquele: é o autor do poema heróico «*Malaca Conquistada*», escritor do século XVII (1600-1664). Há apenas uma relação de parentesco entre os dois: eram primos. Mas nunca se conheceram, porque quando um nasceu, já o outro não existia.

Nasceu D. Francisco de Sá de Meneses, provavelmente, entre 1513 e 1515, e foi filho de João Rodrigues de Sá e Meneses e de sua segunda mulher Dona Camila de Noronha. Senhor de Sever, de Paiva, de Baltar e de Matosinhos, além de alcaide-mor do Porto, exerceu João Rodrigues

de Sá importantes cargos e missões oficiais ao serviço dos reis D. Afonso V, D. João II, D. Manuel e D. João III. O «*Cancioneiro Geral*» de Resende inclui poesias suas. Teve relações de amizade com Sá de Miranda, seu parente, e com os adeptos da sua Escola literária. Um antepassado seu e, portanto, de Francisco de Sá de Meneses, de nome Rodrigueanes de Sá, também senhor de Sever e alcaide-mor de Gaia, chegou a ser, no tempo do rei D. Fernando, embaixador em Roma, onde se ligou pelo casamento a Cecília Colonna, filha de Giacomo Colonna, condiscípulo de Petrarca e seu protector, que assistiu à célebre coroação do laureado poeta no Capitólio romano. Desse casamento proveio o parentesco dos nossos Sás com os Sás Coloneses de Itália, a quem se refere nos seus versos Sá de Miranda, que ainda conheceu, durante a sua viagem àquele país, uma sua representante, a talentosa e ilustre Vitória Colonna, poetisa apreciada pelos mais altos espíritos do seu tempo, inclusive Miguel Ângelo.

Segundo a tábua genealógica dos Sás, organizada com todo o escrúpulo por Carolina Michaëlis de Vasconcelos e apensa à sua monumental obra «*Poesias de Sá de Miranda*», Francisco de Sá de Meneses teve dois irmãos: António de Sá de Meneses, comendador de S. Fins, que morreu ainda em vida de seu pai, e Sebastião de Sá, escudeiro-fidalgo de D. Sebastião, morto na batalha de Alcácer-Quibir.

Mais longa vida teve Francisco de Sá, que passou quase toda a sua existência na Corte, ao serviço dos reis portugueses, até à dissolução da independência do País. Ainda bastante novo, foram-lhe atribuídas as funções de camareiro-mor e aio do muito jovem príncipe D. João, que cedo viria a falecer, passando a exercer os mesmos cargos junto de D. Sebastião, na sua menoridade, quando regia o reino Dona Catarina. De seu «mestre» passaria, em breve, a conselheiro de Estado e a capitão da Guarda Real. Será interessante referir aqui a existência de um «atestado genealógico» passado por si próprio e transscrito na obra «*O Poeta do Neiva*», de José de Sousa Machado, — atestado que abaixo se transcreve, actualizando-se a sua ortografia \*.

Desse documento se infere que Francisco de Sá de Meneses era conselheiro de Estado no tempo da rainha-regente Dona Catarina de

---

\* «Eu, Francisco de Sá de Meneses, do conselho de Sua Magestade e capitão da sua Guarda, dou de mim fé e juro pelo hábito de Cristo que Diogo de Sá Sotomaior, Fidalgo da casa do dito senhor, foi filho legítimo de Fernão de Sá de Sotomaior, morador que foi na cidade de Coimbra, o qual Fernão de Sá foi neto de Rodrigo Anes de Sá, que foi filho de João Roiz de Sá, meu quarto Avô e irmão de meu trisavô Fernão de Sá e tio de meu bisavô João Roiz de

Bragança e que também então era capitão da Guarda Real. Assinava os documentos, passados por ele, simplesmente com o nome Francisco de Sá, como o fazia com as suas poesias,— o que causou grande confusão quanto à atribuição da autoria das suas produções poéticas, visto que tanto Sá de Miranda como o seu homónimo, autor de «*Malaca Conquistada*», usavam literariamente o mesmo nome: Francisco de Sá. Por isso se não sabe o que propriamente lhe pertence, crendo, no entanto, Dona Carolina Michaëlis que há poesias suas incluídas nas obras de Miranda e do épico Meneses.

Especiais qualidades morais e políticas deviam exornar o carácter de Francisco de Sá de Meneses para conquistar a inteira confiança dos monarcas que serviu, muito principalmente a de D. Sebastião, que o encarregou do governo do Reino durante as suas ausências em África. Rudíssimo golpe devia ter sido o que ele sofreu com a catástrofe de Alcácer-Quibir. Mas continuou a servir o país e o Cardeal-Rei D. Henrique, que, em 1578, o nomeou seu camareiro-mor e o fez novamente conselheiro de Estado, agraciando-o no ano seguinte, em 1579, com o título de Conde de Matosinhos.

Nesse mesmo ano de 1579, foram convocadas as Cortes para Lisboa, a fim de se tratar da sucessão de D. Henrique. Elegeram-se quinze altas personalidades, dentre as quais o Cardeal escolheu os cinco futuros governadores: D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa; D. João de Mascarenhas, D. Francisco de Sá de Meneses, D. Diogo Lopes de Sousa e D. João Telo de Meneses. Nomearam-se ainda vinte e quatro letRADOS para servirem de juízes. Dentre estes, D. Henrique escolheria onze, para, com os governadores, decidirem e darem a sentença.

Morto o Cardeal sem nada ter ficado resolvido, as tropas espanholas aproximaram-se da fronteira para iniciarem a invasão do país. Partiram apressadamente os governadores para Ayamonte e daqui seguiram para Castro Marim, onde declararam Filipe II sucessor da coroa portuguesa. Eram apenas três esses governadores, porque o arcebispo D. Jorge de Almeida não saiu de Lisboa e D. João Telo

---

Sá filho de seu Irmão, e isto sei por uma carta e por uma certidão de meu Pai e assim vi por um instrumento público que o dito Fernão de Sá foi filho de João Gonçalves de Miranda de Sotomaior que foi filho do Irmão do Conde de Caminha D. Pedro Alvares de Sotomaior. Feito por mim e assinado e selado com o sinete de minhas armas a 20 de julho de 1562.

*Fran.co de Saa»*

manteve-se firme na sua fidelidade à independência de Portugal. Portanto, um dos votos favoráveis ao monarca espanhol foi o de Sá de Meneses, a quem Filipe II confirmou no seu título nobiliárquico e nos seus cargos ou missões.

Contudo, decidiu abandonar a Corte, certamente desgostoso com a nova situação política do Reino, para a qual contribuira com o seu voto,— o que muito lhe devia pesar na consciência de leal português que sempre fôra. Retirou-se para Matosinhos, onde iriam acabar os seus dias. Junto da foz do rio Leça, na sua margem direita, havia então um convento — o convento de Nossa Senhora da Conceição, edificado nos fins do século XV — e aí se acolheu o conde-poeta D. Francisco de Sá de Meneses, escolhendo-o para seu retiro espiritual e tentando apaziguar uma alma, tantas vezes provada pelas lutas e tempestades do mundo. A serenidade do lugar, umbroso e calmo, e aquele tranquilo rio, que corria suavemente a seus pés e sob os seus olhos, seriam, na verdade, propícios a um descanso exigido pelo seu coração e pelo seu espírito. E assim o reconheceu ao afirmar: «*Oh rio de Leça, / Como corres manso! / Se eu tiver descanso, / Em ti se começa!*»

Em 1584, expirou nesse convento e nele ficou sepultado o primeiro Conde de Matosinhos,— primeiro e único, porque D. Francisco de Sá de Meneses, casado em primeiras núpcias com Dona Ana de Mendonça e, em segundas, com Dona Catarina de Noronha, sua sobrinha-neta, não teve descendentes. Por tal motivo, ficou extinto o condado de Matosinhos e, consequentemente, o respectivo título.

\*  
\*      \*

Tendo entrado muito jovem na corte de D. João III, Francisco de Sá de Meneses nela teria começado a versejar, satisfazendo a sua vocação literária e submetendo-se ao grato incitamento de fidalgos-trovadores que abrilihantavam os serões do Paço, entre os quais já se tinha distinguido o próprio Sá de Miranda, seu parente, autor de cantigas e vilancetes que vieram a enriquecer o «*Cancioneiro*» de Resende. Também ele os faria, seguindo o exemplo de seu pai, João Rodrigues de Sá, e seu avô, Henrique de Sá, alcaide-mor do Porto.

Começou, pois, por ser um poeta da escola velha, da «medida velha», como outros trovadores-cortesãos o foram no seu tempo. Veio,



Restos do claustro do extinto convento de Nossa Senhora da Conceição, em Leça da Palmeira, onde viveu os últimos anos da sua existência e ficou sepultado D. Francisco de Sá de Meneses, Conde de Matosinhos.



porém, a adoptar e seguir a nova escola literária, introduzida em Portugal pelo seu parente e amigo, o outro Francisco de Sá, de Coimbra, que de Itália trouxera os novos modelos artísticos que iria decididamente impor no campo da literatura nacional, isto é, as novas formas e as novas ideias expressas por Sannazaro, Bembo, Ariosto, ou por Rucellai, Trissino, Sadoleto, além dos primeiros renascentes Dante e Petrarca.

Foi muito apreciado poeta D. Francisco de Sá de Meneses, elogiado com entusiasmo por numerosos escritores, entre os quais, além de Sá de Miranda, os líricos Diogo Bernardes, António Ferreira, Andrade Caminha, D. Manuel de Portugal, — que constituiram, com ele, o que Dona Carolina Michaëlis designou por «Arcádia de Entre Douro e Minho» —, mas teve a má ventura de os seus versos se perderem, de terem sido inutilizados muitos dos seus manuscritos e de, por motivo da confusão de nomes iguais, como anteriormente ficou acentuado, serem atribuídos a outrem o que verdadeiramente lhe pertencia.

Afirmou Dona Carolina que, entre o que pode considerar-se perdido, figura um códice de poesias que pertenceu a Manuel Severim de Faria. E Aubrey Bell, na sua obra «*A Literatura Portuguesa*», declara: «... os finos versos de Sá de Meneses, que durante um século ocuparam a literatura portuguesa, caíram depois no olvido, até serem descobertos pelo Dr. Sousa Viterbo na Torre do Tombo»».

Versos que ficaram decerto inéditos, como inéditos se encontram sessenta e seis sonetos que Dona Carolina assevera existirem na Biblioteca de Évora, atribuídos no Catálogo a um Francisco de Sá, «e que, em todo o caso, — escreve —, não pertencem a Sá de Miranda, a julgar pelo estilo e pelo assunto». Além desses sonetos, é sua opinião que na mesma Biblioteca de Évora há outros versos de Sá de Meneses, assim como quatro poemas seus no Cancioneiro de Luís Franco.

Começou por poetar na medida velha o jovem Meneses e fê-lo, como era de uso então, não só na sua língua como em castelhano, a língua geralmente praticada na Corte. O fidalgo D. Simão da Silveira dirigiu a sua futura mulher Dona Guiomar Henriques um vilancete que foi glosado em espanhol por dois poetas: Francisco Sá de Meneses e Francisco Sá de Miranda. Eis o vilancete:

«*Tu presencia deseada,  
Zagala desconocida,  
Di por que la has escondida.*»

Volta de Meneses:

«*El cielo niega el rocio,  
El ganado se nos pierde,  
El campo ia no es verde,  
Ni corre tan claro el rio,  
Secó se el valle sombrio  
Con la tu triste partida,  
Zagala desconocida.»*

Seguem-se as voltas de Sá de Miranda, constituídas por três estâncias setessilábicas, igualmente em castelhano.

Também os mesmos poetas decidiram glosar um vilancete do já célebre lírico espanhol Juan del Enzina. É o seguinte:

«*Quien te hizo, Juan pastor,  
Sin gazajo i sin plazer?  
Que alegre solias ser.»*

Volta de Sá de Meneses:

«*Ese plazer que me viste,  
Todo fue vano i de viento,  
Mostrava contentamiento  
Por me dejaren ser triste.  
Mas pues que lo entendiste,  
No te lo quiero esconder:  
Io nunca tuve plazer.»*

Dedica Sá de Miranda um dos seus sonetos a uma *Elegia ou Capítulo de Francisco de Sá de Meneses*, «que lhe mandou mostrar seu irmão António de Sá, e era o capítulo sobre a «Madanelas», à maneira de Itália». Disto se pode depreender que, se Meneses foi um lírico da Escola Velha, tornou-se depois um partidário da Escola Nova, passando a usar, como de facto usou, os metros italianos.

É de opinião Dona Carolina Michaëlis que andam incluídas na obra poética de Sá de Miranda espécies líricas que não lhe devem pertencer, embora ela as tenha aceitado e introduzido na sua monumental

edição. São aquelas em que, além da fluência do estilo,— uma fluência que não teve Miranda—, se encontra nos textos o nome de Filis para designar o ser amado, pois é esse também o nome poético usado frequentemente por Meneses nos seus textos líricos. Por isso, põe de sobreaviso o leitor quanto às composições seguintes que, em seu entender, podem ser pertença de Francisco de Sá de Meneses:

a) a elegia IV, que assim começa:

*«Olvidado de ti, por este llano  
La vida se me esconde en larga queja,  
Pidiendo la respuesta al aire vano.»*

b) a elegia V, cujo início é o seguinte:

*«Buelve, Filis hermosa, a este llano  
Ado estos olmos verdes i sombrios  
Por ti sospiran longamente en vano.  
Buelve aora que dos ielos frios  
Ia por aquestos florecidos prados  
Sueltos i desatados van los rios.»*

c) o soneto XLIV:

*«A las iervas tornava sus colores  
El sol, saliendo ia por los collados,  
A los campos bolvian los ganados,  
I las abejas a buscar sus flores,*

*Quando Salicio por campos no tratados,  
Por valles no seguidos de pastores  
Estos versos ansi desordenados  
Dizia, enlouquecido en sus amores:*

*— Si por aquestos montes adelante  
O si por ventura, olvidada d'ellos,  
Anda Filis por esta tierra llana,*

*Los raios del sol traen sus cabellos,  
Traqe la primavera en su semblante,  
I en los sus ojos trae la mañana.»*

d) o soneto XLVII:

*«Hermosa ninfa, siempre primavera  
Tengan vuestros campos de iedra rodeados,  
Ni dejen de ser verdes vuestros prados  
Mientras el sol hiziere su carrera;  
  
Vaian vuestros rios siempre en su manera  
Sin seren de tempestad inturbiados;  
Eternamente esteis nesta ribera,  
Sin dolor, sin fatiga, sin cuidados,  
  
Si con Filis hazeis que a mi dolor  
Dé ia fin o termino, acordando le  
Aquela ninfa que, por su aspereza,  
  
No la moviendo fe ni luengo amor,  
En piedra se bolvió, quedando le  
En pago de ser dura mas dureza.»*

Estas composições demonstram, formalmente, uma fluênciā e uma harmonia que não existem na forma torturada e, por vezes, obscura de Sá de Miranda. Mas o nome de Filis para designar a mulher amada surge repetidamente nos versos de alguns poetas do século XVI. Não só em Miranda ou em Meneses. Também Andrade Caminha e outros o adoptaram com o mesmo objectivo. Uma dama da corte de D. João III, formosíssima e prendada, foi cantada por diversos cultores das musas, frequentadores do Paço, sob esse nome. Chamava-se Dona Francisca de Aragão, e sabe-se que recebeu as homenagens de poetas como D. Manuel de Portugal, Andrade Caminha e do próprio Luís de Camões. Se ela era frequentemente designada por Filis nos seus versos, podemos colocar a interrogação de se um dos seus homenageadores não seria também Francisco de Sá de Meneses, figura importante e notável do Paço da Ribeira. E sendo contemporâneo de Camões, uma hipótese seria ainda admissível: o culto platónico da mesma mulher pelos dois poetas e cortesãos.

A semelhança dos outros líricos quinhentistas, Sá de Meneses adoptara um nome pastoril — o de Sázio. É este nome que surge, por exemplo, na écloga *Jânio*, de António Ferreira, ao referir-se àqueles

*«... tristes versos, com que chora  
Nosso Sázio sua dor.....»*

Há nessa écloga outras referências a Sázio e muitas vezes a Filis, uma Ninfá, que poderá também constituir uma alusão à princesa Dona Joana, segundo alguns intérpretes.

Mas uma ode e uma elegia são inteiramente dedicadas por Ferreira a Meneses, a propósito da morte prematura do príncipe D. João, de quem foi aio e camareiro-mor e cuja educação lhe foi, portanto, confiada. As excelências do educando e do educador são vivamente postas em relevo nos seguintes passos:

*«Ah, tu, Francisco, viste  
A luz, que se acendia  
Naquele real espirto, que criaste:  
Porque inda tua alma triste  
Suspira, ali provaste  
Quão cedo o fogo a escuridão vencia.»*

(Ode III — Liv. II)

*«Tristíssimo Francisco, quem pudesse  
Por arte, ou por engenho alcançar tanto  
Que meio a tuas lágrimas pusesse!  
Quem já fim a teu justo e triste pranto  
Pedisse, cru seria: chora triste,  
Justo é teu choro, e meu desejo santo.»*

.....

*Aquela real planta, que crescer  
Com tanta fermosura começava,  
Prometendo da Terra aos Céus se erguer,  
Aquela flor fermosa, que alegrava  
Tantos olhos e almas que tua mão  
Com tanta diligência nos criava,  
Colheram-na ante tempo; já no chão  
Cortada e seca jaz.....»*

(Elegia I)

Outras alusões faz Ferreira nas suas obras a Sá de Meneses, em que são louvadas as suas qualidades de lírico, o mesmo fazendo os seus coetâneos Diogo Bernardes, Pedro de Andrade Caminha, Diogo

de Telve e Falcão de Resende, poetas e humanistas do século XVI. Não se possuem, infelizmente, textos literários bastantes para definirmos o merecimento poético de Francisco de Sá de Meneses, mas é eloquente esta conclusão a que chegou Carolina Michaëlis de Vasconcelos: «... ainda quando nos faltasse todo e qualquer documento do seu talento poético, deveríamos ajuizar favoravelmente da sua capacidade literária, tais e tantos são os louvores prestados à sua «doce frauta», sua «musa alta e suave», por Ferreira (vol. I: Son. III, Ode III, Elegias I, II e III; vol. II: Carta XIII); Diogo Bernardes (*Lima*: Carta VII, Carta XVI, Eleg. XVI e passagem na Égl. I; *Flores do Lima*: Son. CV e CVI); Andrade Caminha (Eleg. II); Teive (págs. 271 e 285) e Falcão de Resende (Son. LXVIII e Epíst. V).

Uma demonstração da sua «musa alta e suave» encontramos nestas dulcíssimas redondilhas, citadas pelo bibliógrafo setecentista Barbosa Machado, bem reveladoras da finura do estro de Francisco de Sá de Meneses — redondilhas inspiradas pela doçura do seu muito amado rio Leça, junto do qual quis morrer e sepultar-se:

«*Oh rio de Leça,  
Como corres manso!  
Se eu tiver descanso,  
Em ti se começa!*

*Sempre sossegados  
Vão teus movimentos;  
Não te alteram ventos  
Nem tempos mudados.*

*Corres por areias  
E bosques sombrios;  
Não te turvam rios  
Nem fontes alheias.*

*Desces dum penedo  
Tosco e descomposto.  
A ti mostra o rosto  
A manhã mui ledo.*

*A aurora em nascendo,  
Quando estás mais liso,  
Com alegre riso  
Em ti se está vendo.*

*Quando o mar não soa  
E passam mil velas,  
Em ti faz capelas  
Com que se coroa.*

*Olmos abraçados  
Tenhas sempre de hera;  
Sempre a Primavera  
Alegre teus prados!*

*Logrem teus salgueiros  
Mil tempos serenos!  
Nunca sejam menos  
Os teus amieiros!*

*Por ti cantam aves,  
Sem temerem quedas,  
Mil cantigas ledas  
E versos suaves.*

*De laços e redes  
Criam sem receio,  
Seguras no seio  
De teus bosques verdes.*

*Dêem-te as noites sono,  
E com larga mão  
Flores o Verão,  
Frutos o Outono!*

*Sombra no Estio  
Sem nenhuns resguardos;  
Neves e dias pardos  
O Inverno frio!*

*Por ti canta Abril  
Quanto cuida e sonha,  
Ora com sanfonha,  
Ora com rabil.*

*Quando se levanta,  
Quando o sol mais arde,  
Assim canta à tarde,  
À noite assim canta.*

*Para que são, Maio,  
Tantas alegrias,  
Pois seus longos dias  
Passam como raio?*

*Algum tempo manso  
Deus o ordene a mi,  
Em que torne a ti  
Com algum descanso!*

*Por muito que tardes,  
São tardanças vãs!  
Foram-se as manhãs,  
Ir-se-ão as tardes.*

*Para que te gabas  
De teus vãos amores?  
Para que são flores  
Pois tão cedo acabas?*

*Em espaço breve  
Chega ao mar o Douro:  
Os cabelos de ouro  
Se fazem de neve.*

*Oh rio de Leça,  
Frutos em Janeiro  
Nascerão primeiro  
Que de ti me esqueça!*

*Primeiro em Agosto  
Neverá com calma  
Que o tempo desta alma  
Aparte teu rosto!*

Grande pena que não possamos apresentar e apreciar outras demonstrações da elevada e doce musa de Sá de Meneses que, em branda redondilha lusa, tão bem soube exprimir os encantos e a amenidade duma terra bem portuguesa! Sirvam a beleza destes versos, e quanto atrás ficou exposto, de estímulo e motivo para que os estudiosos da nossa literatura, seus investigadores ou historiógrafos, se devotem à urgente e meritória tarefa de reunirem as peças perdidas ou esquecidas de um poeta de valor que para nós, portugueses de hoje, está, pode dizer-se, totalmente inédito.

Porto, Março de 1981.



Composto e impresso nas Oficinas GRAFICOS REUNIDOS — Porto

DEZEMBRO — 1981





biblioteca  
municipal  
barcelos



11617

O poeta e Conde de Matosinhos  
Francisco de Sá Mene

(E  
82  
A)